

## Montreal – Campeonato Mundial de Natação Master 2014

Quando eu soube que o Campeonato Mundial de Natação Master que seria realizado em Agosto de 2014 iria ocorrer no Canadá, com toda certeza fiquei bastante animado em participar, principalmente por ser este um país que sempre tive vontade de conhecer. Por outro lado, que nunca tinha me animado a enfrentar uma viagem tão longa de avião sem um motivo muito forte. Agora eu tinha um motivo muito forte. A minha ida a Nova Zelândia em 2006 tinha me levado a uma decisão de nunca mais visitar países muito longe. Na minha vida de viajante eu já tinha conhecido vinte e sete países e precisava acrescentar o Canadá a esta lista.

O problema principal era que eu precisava conseguir um índice para poder me inscrever no campeonato e na ocasião a única prova que estava em condições de participar a competição de Águas Abertas na distância de 3.000 metros. No entanto, no Campeonato Sul-americano no Chile em dezembro de 2013, eu consegui índice nas provas de 800 metros livres, 400 metros medley e 200 metros costas. Posteriormente descobri que possuía tempo para também participar da prova de 200 metros borboleta e acabei me inscrevendo nessas cinco provas.

Com o problema técnico resolvido precisávamos resolver os problemas burocráticos, que envolviam o visto para o Canadá, que tinha que ser tirado no Consulado na Barra de Tijuca, e comprar uma passagem que na volta nos deixasse em Atlanta de onde iríamos depois visitar a nossa filha Tanya, que vive numa cidade próxima chamada Roswell no Estado da Georgia, estranhamente conhecido como Estado dos Pêssegos.

No dia 31 de julho pegamos um voo da TAM que nos levou até Miami. Seguindo as exageradas regras de segurança dos aeroportos americanos tivemos que pegar as nossas malas e novamente despachá-las a poucos metros adiante. Depois desembarcamos e novamente embarcamos onde passamos pelos procedimentos de segurança de passageiros internacionais.

Quando por fim chegamos em Montreal, após uma conexão de três horas e meia, encontramos cerca de cem passageiros na fila da aduana para o registro de entrada no país. Reparei que apenas dois guardas estavam trabalhando no local e essa era a razão da demora, o que me fez lembrar o Brasil e do comportamento e o padrão de atendimento da Polícia Federal com os passageiros que embarcam ou desembarcam por lá. Todos começaram a reclamar, inclusive alguns nadadores brasileiros e de outros países. Quando já estávamos há uns vinte minutos esperando, apareceram uns dez guardas que ocuparam outras cabines e foram aplaudidos pela massa que estava aguardando na fila. Talvez tenha sido a primeira vez que eles foram recebidos

com aplausos. Eu imaginei que talvez fosse hora do almoço ou quem sabe de mudança de turno.

Eu já tinha recebido um aviso da FINA (Federação Internacional de Natação e Esportes Aquáticos) de que haveria um quiosque de atendimento no aeroporto para recepcionar os nadadores. Ali recebemos um cartão para usar o transporte público, no caso o ônibus 747, que nos levaria ao Centro de Montreal. Pelas instruções que recebemos deveríamos descer no ponto número 7 do Boulevar Rene Levesque. O nosso hotel (Hilton Garden Inn) ficava há alguns quarteirões de distância ladeira acima que tivemos que subir puxando as nossas pesadas malas.

O Hilton Garden é um hotel muito bom e numa ótima localização, próximo as principais ruas do Centro, inclusive a Rua Sainte Catharine que é uma rua de pedestres (entre Bleury e Saint Urbain) onde ficam diversos restaurantes e lojas, inclusive o Complexo Desjardins, um ótimo Shopping Center, onde almoçamos diversas vezes deliciosas saladas montadas a sua escolha. Porém, como a maior parte dos hotéis na América do Norte, esse também não tem café da manhã incluído no preço da diária, mas cobrava por fora o valor de 20 dólares por pessoa, o que consideramos muito caro. No quarto tinha um forno de micro-ondas, uma máquina de café e chá e uma geladeira, o que nos levou, durante os dez dias que ficamos por lá, a comprar no supermercado pães, iogurtes, queijos e tudo mais para a nossa primeira alimentação, a um custo infinitamente inferior.

Neste mesmo dia resolvemos ir ao Centro de Credenciamento da FINA para pegar os nossos crachás, pois a Sandrinha estava inscrita como Supporter (apoio). No local encontramos Padilha, nadadora do Fluminense e que gosta de usar roupas bastante estranhas e o nosso campeão olímpico Djan Madruga. Junto com o crachá recebemos um cartão que nos dava direito de usar qualquer transporte público em Montreal, o que facilitou muito a nossa locomoção na cidade.

No dia seguinte (01 de agosto) resolvemos ir ao local da Competição para termos uma ideia da distância e do tempo de locomoção. Pela informação que nos foi dada no Centro de Credenciamento deveríamos ir até a estação Pie IX da linha verde do metrô. A moça inclusive marcou a estação no nosso mapa do metrô, porém estava tudo errado, pois aquele era o local da festa de abertura e não era o local da competição. Esta estação dava acesso ao Estádio Olímpico e enquanto procurávamos nos localizar encontramos um estande da FIFA (ela mesmo, a FIFA do futebol, famosa pelas suas picaretagens e trapalhadas, retratadas num livro que exatamente naqueles dias eu estava lendo), com algumas moças de atendentes, pois naquela semana estava começando o campeonato mundial de futebol feminino sub-20. Elas, muito gentilmente,

explicaram que nós tínhamos que descer na estação Berri Uqam e pegar a conexão com a linha amarela até a estação Jean Drapeau.

Descobrimos que o local das competições eram duas ilhas nas quais foram realizadas as Olimpíadas de Montreal em 1976. A prova de águas abertas (3000m) seria realizada num canal construído para as competições de remo, e que tinha as suas águas tratadas com um método que não agredia o meio ambiente, isto é, nada de cloro.

Numa primeira impressão Montreal nos surpreendeu pela limpeza das ruas e pela educação do povo. Ninguém atravessa uma rua se o sinal de pedestre não estiver liberado, mesmo que nenhum carro esteja passando em nenhum dos sentidos. Com toda certeza não estávamos em Niterói. Outra coisa que chamou a nossa atenção foi a quantidade grande de mendigos pelas ruas e os inúmeros casais gays, tanto masculinos quanto femininos, que passavam pelas ruas de mãos dadas sem chamar a atenção de ninguém. Houve um casal de mulheres que inclusive se beijavam na rua e nenhum pedestre dava a mínima bola, apenas eu e Sandrinha que olhávamos disfarçados o fato. País desenvolvido é outra coisa. Como em Montreal e no Estado de Quebec a língua oficial é o francês, toda a população é bilíngue, inclusive os mendigos. Esses nos abordavam educadamente nas ruas na sua língua nativa e quando notavam que éramos estrangeiros automaticamente começavam a falar em inglês.

No início da noite nos preparamos para ir para a cerimônia de abertura marcada para as 7 horas da noite. Sandrinha tinha levado uma roupa especial para este evento. Tínhamos combinado com Suzana e Victor nos encontrarmos no local para assistirmos juntos a cerimônia. Uma hora antes saímos do hotel e pegamos o metrô. Quando chegamos ao local tivemos uma surpresa. Era um descampado enorme, sem lugares para sentar e com uma barraca vendendo cachorros-quentes e outra vendendo cervejas. Ambas com filas enormes. As pessoas estavam de bermudas e sentadas, algumas deitadas, pelo chão. Sandrinha que estava toda chique ficou indignada, pois não iria sentar no chão com as roupas que vestia. O evento também estava atrasado. Nós ficamos circulando pelo imenso local e acabamos encontrando Suzana e Victor que também já estavam reclamando pelas mesmas causas nossas. Resolvemos então sairmos e voltarmos ao Centro para jantar, o que foi realmente uma boa ideia. Passamos uma ótima noite regada a vinho no restaurante Baton Rouge no trecho em que a Rua Sainte Catharine é uma rua de pedestres, perto do Museu de Artes Contemporâneas de Montreal.

### **O início das competições**

No domingo dia 03/08 eu nadaria a minha primeira prova que era os 800 metros livres. O horário previsto para início da competição era 8 horas da manhã. Cheguei na piscina principal às 7:30 horas para um rápido

aquecimento e estranhei que só tinham três piscinas. Uma estava ocupada com a competição de saltos ornamentais, uma era a que eu estava usando para aquecimento e na outra estavam ocorrendo as competições femininas. Perguntei a um nadador e ele me disse que as provas masculinas eram na Piscina Temporária que ficava em outro local. Na verdade ficava em outra ilha, exatamente naquela onde estava o canal onde seria realizada a competição de Águas Abertas. Reuni as minhas tralhas e com a ajuda de Sandrinha lá fomos nós para uma caminhada de cerca de 30 minutos para a outra piscina. O Parc Jean Drapeau reúne as duas ilhas e várias instalações olímpicas utilizadas na Olimpíada de Montreal em 1976, inclusive o bonito Estádio Olímpico onde estava sendo realizado o campeonato mundial de futebol feminino sub-20.

Nesta primeira competição, embora eu conseguisse baixar o meu tempo, a minha colocação foi 37º, o que mostrou o alto nível da competição com mais de 100 países envolvidos. Ainda mais se lembrarmos que no Sulamericano no Chile eu tinha ficado em 2º lugar.

No dia seguinte eu nadei 200 metros costas e consegui uma classificação melhor, ou seja, 28º lugar. Neste dia (segunda-feira) eu nadei na piscina principal, já que havia um revezamento entre as piscinas, ou seja, um dia os homens nadavam na piscina temporária e no outro na piscina principal, pois havia um revezamento de piscinas com as competições femininas. Depois da competição, seguindo os conselhos do “concierge” do hotel resolvemos visitar o Parc Royal que fica num monte relativamente perto do Centro da cidade. Fomos a pé e tivemos que subir uma escadaria de mais de 500 degraus além de caminharmos por diversas trilhas. No topo tinha um belvedere com uma vista muito bonita da cidade. Na volta resolvemos seguir por uma estradinha de cerca de 3 quilômetros que nos livrou dos degraus de volta para a cidade.

Neste dia, tinha uma tenda grande ao lado da piscina principal. Neste local grande parte dos atletas ficava aguardando as suas competições abrigados do sol e da chuva. Eu aguardava chamarem a minha série e Sandrinha estava na tal tenda. Ao seu lado um alemão, com a sua cultura germânica, tirou a sunga, ficou nu e naturalmente vestiu um calção, sem que ninguém se importasse, salvo Sandrinha que ficou meio apavorada.

Nessas nossas caminhadas por Montreal notamos que a camisa do Brasil que usávamos atraía muito a atenção das pessoas, que associavam o nosso país como a terra do futebol e das mulheres bonitas. Muitas paravam e faziam perguntas sobre o nosso país e sobre o que estávamos fazendo no Canadá. A derrota do Brasil para a Alemanha no futebol foi um assunto que nos levou a dar explicações inúmeras vezes, pois ninguém tinha entendido aquele desastre tão inusitado.

### **A última competição na piscina**

Na 3ª feira eu voltei para a piscina temporária para nadar a prova de 400 medley. Fiquei em segundo lugar na minha série e em 16º lugar no geral. Ser o décimo sexto do mundo para mim foi muito bom. Nesse dia descobrimos, por indicação da Suzana, um restaurante de saladas, no Complexo Desjardins, próximo ao nosso hotel, onde passamos a almoçar todos os dias. Como os pratos eram montados a sua livre escolha, saboreamos diversos tipos de combinações de saladas.

De noite fomos jantar num restaurante chamado Saint Hurbert na tal rua de pedestres, por sinal muito bom, onde encontramos a Angela e Cora Ronai com a sua lúpida mãe Nora Ronai de 90 anos. Na faixa etária da Nora tinha apenas uma mexicana chamada Rosa Segura Flores, que sofreu um bocado com a nossa velhinha brasileira, pois perdeu todas as provas que competiram juntas.



*Jantando com Cora Ronai, Nora Ronai, e Angela.*

Numa das competições, acho que nos 50 metros borboleta, a Rosa Segura Flores, nadava numa raia ao lado da Nora e a cada braçada dava uma olhada na sua adversária, que aos poucos ia se distanciando.

- Nora acho que a Rosa agora virou Rosa Segura Velas, pois está levando um banho de você – foi o meu comentário um dia durante as competições.

Na 3ª feira à noite o grupo de brasileiros resolveu ir jantar todos juntos. Fomos para a parte velha da cidade, por sinal, muito bonita, a um restaurante que o Victor tinha descoberto numa caminhada no dia anterior. Puxando a turma, numa longa caminhada de cerca de 30 minutos, ia toda serelepe Nora Ronai, carregando nas costas o peso dos seus 90 anos e deixando para trás a sua filha Cora Ronai que não tinha forças para acompanhá-la.

Na 4ª e na 5ª feira eu não iria nadar nenhuma prova, mas tinha que manter a forma e para isso tive que ir para a piscina liberada para o aquecimento. Eu nunca vi uma piscina com tanta gente nadando na minha vida. Teve um momento em que contei 14 nadadores na minha raia uns esbarrando nos outros.

Na 4ª feira fomos conhecer a cidade subterrânea de Montreal. Seguindo orientações do pessoal do nosso hotel, usamos como acesso a entrada Le Baye. Como no inverno com temperaturas de -20 ou -30 graus é impossível alguém passear pelas ruas, existe uma cidade subterrânea com cerca de 1.600 lojas, estações de metro e conexões com alguns hotéis. A cidade subterrânea tem aproximadamente 31 quilômetros. A impressão é que temos é de passear por um imenso shopping center.

No sábado tínhamos jantado na Trattoria de Mikes no Complexo Desjardins mas na 4ª nos atrasamos para sair para jantar e o restaurante tinha fechado às 8 horas da noite. Isso mesmo. Sandrinha se lembrou de que quando chegamos a Montreal, e estávamos a caminho do centro de identificação para pegarmos os nossos crachás, tínhamos passado por uma pizzaria que estava muito cheia, o que era um bom sinal. Depois de muito procurar encontramos o restaurante que ficava na primeira rua após a Igreja de Saint James (Rue Sainte Catherine), ou seja, Rue Phillips. O nome era Pizzaresto Ilfocalaio e realmente tinha pizzas muito saborosas.

### **O encontro com Judy e Dick**

A irmã americana de Sandrinha, que mora no Estado de Delaware, quando soube que estávamos em Montreal, resolveu ir nos visitar. Judy e Dick pegaram o seu confortável carro e viajaram por 10 horas até Montreal. Chegaram na 5ª feira e neste mesmo dia marcamos um jantar no bom restaurante chamado Baton Rouge que já tínhamos estado alguns dias atrás.

Como ficamos dez dias em Montreal e cada dia jantávamos com alguns amigos, muitas vezes diferentes, registramos todos esses encontros no Facebook, o que levou Moreira, um amigo do Brasil, a perguntar se eu tinha ido a Montreal para jantar ou para nadar.

O interessante foi que Sandrinha esteve comigo visitando Judy em 1974, depois eu estive a trabalho em Nova Iorque e ela aproveitou para uma visita à

irmã em 1994 e agora, outra vez 20 anos depois, ou seja, em 2014 estavam as duas se encontrando.



*Eu, Sandrinha, Judy e Dick no Parc Royal*

Eu iria nadar a prova de 200 metros borboleta na 6ª feira, porém a FINA mudou a data da liberação do canal da prova de Águas Abertas (Maratona Aquática) para o mesmo dia e horário. Ou seja, ou eu nadava os 200 metros borboleta ou treinava no canal.

Quando fomos para Montreal com o objetivo depois de irmos visitar a nossa filha americana Tanya em Roswell perto de Atlanta, eu tinha duas preocupações básicas. A primeira delas era com a temperatura da água na competição de 3 mil metros que seria no tal canal. A outra era com o nosso quarto na casa de Tanya, pois conhecíamos muito bem a nossa filha. As preocupações foram desnecessárias e exageradas, pois a água estava numa temperatura agradável e a casa de Tanya era muito boa com várias suítes e onde passamos dias muito agradáveis.

Além da coincidência de horários o canal foi aberto uma hora depois do horário programado, ou seja, foi aberto às 14 horas, pois a organização estava aguardando a salva-vidas chegarem. Talvez estivessem almoçando, coisa que eu não tinha ainda feito. Nadei cerca de mil metros e morrendo de fome e deixei satisfeito o canal onde domingo voltaria para nadar os 3 mil metros.

No sábado resolvi descansar e fomos passear de carro por Montreal com Judy e Dick. Voltamos ao Mont Royal dessa vez de carro. Passamos um dia muito agradável e voltamos a jantar juntos, pois eles voltariam para os Estados Unidos no domingo e teriam que pegar mais 10 horas de viagem de retorno.

### **Águas abertas**



*Eu em frente ao canal onde seria disputada a prova de 3.000 metros*

A competição de águas abertas começou no sábado e iria se estender pelo domingo até o final da tarde. Como tinham muitos atletas inscritos eles tiveram que começar a prova no sábado. A cada vinte minutos largava um grupo por faixa etária alternando-se homens e mulheres. Em algumas faixas etárias, como, por exemplo, a do Djan Madruga, tinham mais de uma série de largada. O meu horário estava previsto para 14 horas. Resolvi então almoçar uma macarronada às 11 horas para acumular energia de carboidrato para a longa competição.



Antes da largada o juiz da prova dá instruções aos atletas, na minha faixa etária eram 43 atletas, e explicou o percurso da prova de 3 mil metros, que era uma ida de 1.500 metros, contornávamos duas boias e voltávamos mais 1.500 metros até o pórtico de chegada. Explicou claramente que se alguém passasse do limite de uma hora e meia nadando seria retirado da água. Anteriormente uma moça tinha mandado que eu tirasse a minha aliança e verificou se as minhas unhas estavam cortadas.

Eu consegui fazer o percurso em 1 hora e 3 minutos e não fui retirado da água. Cheguei em 23º lugar brigando com um canadense que tentava me passar na reta final.

### **Roswell, perto de Atlanta, no Estado da Georgia, o Estado dos Pêssegos**

Os dez dias dormindo num quarto de hotel, longe de casa, estava deixando eu e Sandrinha de saco cheio e com saudades da nossa aconchegante cama. Porém tínhamos outra missão que era visitar Tanya, Johnny e os nossos netos Lila Gracie e Donovan na cidade de Roswell.

A título de informação o preço do taxi de qualquer lugar de Montreal para o aeroporto internacional Pierre Trudeau custa 40 dólares canadenses, cerca de 80 reais. Ou seja, mais barato do que no Rio. Como iríamos sair do hotel às 5 horas da manhã na 2ª feira, resolvemos então pegar um taxi, ao invés de usar o transporte público a que tínhamos direito.

No check-in tivemos a desagradável surpresa de ter que pagar 25 dólares por mala o que nos custou 50 dólares para despacharmos a nossa bagagem. Essas são as regras da US Airways nos seus voos. A surpresa agradável foi que o avião era da nossa Embraer. Voamos de Montreal para a Filadélfia, onde ficamos algumas horas no excelente aeroporto, onde pegamos outro voo para Atlanta. Comparar esses aeroportos onde passamos com os do Brasil seria como comparar uma rodoviária de uma cidade pequena com o Aeroporto do Rio de Janeiro ou São Paulo, ou seja, não dá nem para comparar.

Quando chegamos a Atlanta, Sandrinha ligou para Tanya que estava ainda a caminho em Roswell pois tinha ido ao médico e se atrasado. Ela sugeriu então que pegássemos o trem para a estação de North Spring. Pagamos 7 dólares pelas nossas duas passagens e fomos num transporte confortável numa viagem de 50 minutos até o nosso destino onde Tanya com a nossa neta Lila Gracie nos aguardava.



### *No Shopping com Donovan e Lila Gracie*

Não vou escrever sobre a nossa estadia na casa de nossa filha Tanya, porque foi tudo muito bom e maravilhoso. Quando chegamos à nossa suíte os cachorros nos aguardavam em cima da nossa cama, mas Sandrinha deu um ataque e os cachorros sumiram. Passamos a trancar a porta do quarto de forma permanente para não termos nenhuma surpresa.

O preço da gasolina nos Estados Unidos é de cerca de 2 reais o litro, razão pela qual todos só andam de automóvel em Roswell. Praticamente não existe transporte público a não ser o tal trem que liga Roswell à Atlanta. A empresa que gerencia esse trem é da prefeitura de Atlanta, ou seja, é uma empresa pública chamada Marta. O custo de um jantar num bom restaurante é equivalente ao preço que pagamos em Niterói. Isso mesmo.

Na casa de Tanya não existe nenhuma formalidade para almoço e café da manhã, cada um come o que estiver disponível, e muitas vezes eu e Sandrinha ficamos meio que famintos, pois a comida do almoço se resumia a uma insignificante salada. Nós acabamos nos acostumando com esses hábitos frugais e adoramos muito ter convivido com Tanya, Johnny, Lila Gracie e Donovan.

No retorno ao Brasil, pegamos um voo de Atlanta para Miami onde pegaríamos outro voo para o Rio de Janeiro. O voo da American Airlines atrasou três horas

e desembarcamos em Miami 15 minutos antes da partida no nosso outro voo, o que nos levou a uma desembestada correria pelo aeroporto. Tiveram que abrir o portão de embarque para que pudéssemos embarcar e fomos os últimos passageiros a embarcarem. No avião encontramos Suzana e Victor que nervosos pensavam que não iríamos mais voltar naquele voo.